

**TUDO QUE EU PENSEI MAS
NÃO FALEI NA NOITE
PASSADA**

copyright Anna P.
edição brasileira© Hedra 2014
edição Luis Dolhnikoff
coedição Jorge Sallum
assistência editorial Luan Maitan
revisão Hedra
capa Julio Dui
imagem da capa Ikon Images/Latinstock
ISBN 978-85-7715-360-2
corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Luis Dolhnikoff,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

TUDO QUE EU PENSEI MAS NÃO FALEI NA NOITE PASSADA

Anna P.

1ª edição

hedra

São Paulo_2014

Anna P. é uma escritora brasileira contemporânea.

Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada é a primeira obra da autora.

Sumário

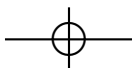
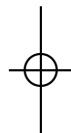
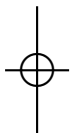
A CONQUISTA DE SI	7
A mulher que eu me tornei	11
Saudade	13
ABC oral I	15
Tudo o que eu pensei mas não falei na noite passada	17
Ontem	19
ABC oral II	21
Só de olhar nos olhos dele	23
A arte de chupar	25
Hoje de madrugada	27
ABC anal	31
Na cama	33
Gosto de ferro	35
Ejaculação	37
Quem com falo fere, com falo será ferido	39
Fomento	43
A puta	45
No vestiário	49
Com palavras	51
Planos	53
 O PERCURSO	 67
Onipotência	71
Vulnerabilidade	73

Desamparo	75
Negações	79
À deriva	83
Prerrogativas	85
Capital flexível	97

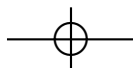
O EU NO MUNDO	107
---------------	-----

A mulher perfeita	111
Caralho	113
O comunista	115
A jornalista	117
O casal gay	119
O escritor libertário	121
A libertina	123
Minha orientadora	125
Minha mãe	127
A artista plástica	129
A historiadora	131
O marido	133
O colega	135
O intelectual	137
O cineasta	139
O escritor politizado	141
O escritor introspectivo	143
Ele	145
O militante	147
O garçom	149
O ator	151
Novo sonho recorrente	153
Antes	155
Durante	157
Depois	159

Sou canhota e meu lado direito dói.

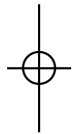


A conquista de si



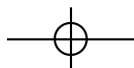
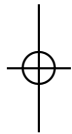
Tendo deixado de ser usado como instrumento de trabalho em tempo integral, o corpo seria ressexualizado. A regressão envolvida nessa propagação da libido manifestar-se-ia, primeiro, numa reativação de todas as zonas erotogênicas e, conseqüentemente, numa ressurgência da sexualidade polimórfica pré-genital e num declínio da supremacia genital. Todo o corpo se converteria em objeto de catexe, uma coisa a ser desfrutada – um instrumento de prazer. Essa mudança no valor e extensão das relações libidinais levaria a uma desintegração das instituições em que foram organizadas as relações privadas interpessoais, particularmente a família monogâmica patriarcal.

Herbert Marcuse, *Eros e civilização*



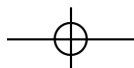
A mulher que eu me tornei

A mulher que eu me tornei sabe que o orgasmo é dela, e por isso o oferece facilmente. A mulher que eu me tornei é atraente: fora do quarto e da casa, também existe sexualmente. A mulher que eu me tornei ama sem amo, goza e não usa, dá e não cede. Toda a sua dimensão tem tesão. Não esquenta no fogão nem esfria na pia: ela é antimonogamia. Não é anódina ou mofina, nem pesada nem franzina — a mulher que eu me tornei é bailarina. A mulher que eu me tornei tem uma existência criativa, a mulher que eu me tornei goza com a vida. Se exhibe de calcinha, cavalga o homem olhando, fala imundícies, trepa sorrindo, goza gritando. A mulher que eu me tornei goza só imaginando. A mulher que eu me tornei goza chupando.



Saudade

Saudade da atmosfera entorpecente entre conhaques e cigarros, saudade da boca seca e do coração disparado, saudade do beijo impetuoso e das pernas então querendo se abrir sem comando, saudade da sua mão admirada na minha barriga e do cheiro do seu pescoço, saudade do abraço e do encostar peito com peito e sobrepor os quadris, saudade das suas mãos na minha bunda e do roçar tão apertado ainda por cima das calças, saudade dos seios já livres e dos seus dentes quase machucando os bicos, saudade dos dedos ágeis abrindo de repente o botão da minha calça justa e encontrando espaço entre a pele e o tecido, saudade deles entre as minhas pernas, na buceta, no cu, nos dois, me fazendo rebolar sob seu comando, saudade do arrancar imprudente das minhas calças, do seu pedido para que eu abrisse as pernas e das exclamações de admiração, saudade da sua língua sábia varrendo toda a extensão do meu clitóris, lentamente, e mais dedos, mais língua e o medo de sermos vistos em nosso momento mais íntimo, saudade dos peitos colados boca com boca enquanto você se masturbava e eu regulava a minha respiração com a sua e meus gemidos com os seus sentindo que poderia gozar apenas com o seu gozo, mesmo de longe, saudades até do espaço exíguo do carro e do escuro parcial da praça à meia-noite e das marcas do freio em minhas coxas no dia seguinte.



ABC oral I

André gostava de dar pancadinhas no meu clitóris com a parte de trás dos dedos; Bruno gostava de vibrar a pontinha dele com a ponta da língua; Caio sugava lento, comprido e fundo; Denis gostava de dar mordidas leves, pressionava e varria o meu grelo todo com sua língua larga e áspera; Edu gostava de lambe de baixo pra cima e depois de cima para baixo; Fábio abocanhava minha vulva inteira como se fosse comê-la; Gilberto gostava de enfiar a língua toda na minha vagina; Hélio chupava e mordida os pequenos lábios cuidadosamente; Ivan gostava que eu pressionasse meu púbis contra a sua boca ritmadamente, como se eu o estivesse fodendo; Jaime adorava enfiar o dedo na minha buceta e me sentir rebolar; Kleber gostava de lambe meu clitóris enquanto vibrava a ponta do seu dedo no meu cu; Luís gostava de enfiar a língua no meu cu enquanto vibrava meu grelo com os dedos; Marcos gostava de me deitar de bruços e ficar de longe, olhando minha bunda ondular enquanto eu pressionava meu clitóris contra o púbis com as duas mãos; Nelson gostava de dar lambidas rápidas no meu cu enquanto eu me masturbava; Otávio gostava de ir afundando o dedo no meu cuzinho conforme eu me aproximava do orgasmo e Olavo gostava de enfiar dois dedos na minha buceta na mesma situação; Paulo encostava a boca em meu ouvido e dizia todo tipo de sacanagem; Rafa gostava quando eu

chegava de saia e ele podia ir enfiando seus dois indicadores, um no cu e outro na buceta, enquanto me beijava, e ir empurrando-os para cima até quase tirar meus pés do chão; Sílvio gostava de me inclinar sobre o braço do sofá até que eu ficasse com as duas mãos no chão, e então olhar muito pra minha bunda e depois me lamber bem devagar, começando pelo grelo, abrindo caminho por entre os lábios e arrastando a língua até o cu — várias e várias vezes; Thiago gostava que eu deitasse de barriga pra cima, abrindo bem minhas pernas, e então ficava horas afastando os meus lábios com os dedos e me olhando por dentro com a concentração e a seriedade de uma criança; Vicente gostava de me pôr de quatro e reger meu rebolado com os dedos no meu cu; Zelito gostava de enfiar e tirar a língua da minha buceta e o pau da minha boca no mesmo ritmo; Yan adorava me estimular com a calcinha; Wilson ia enfiando um, dois, três dedos na buceta até enfiar a mão toda.

Tudo o que eu pensei mas não falei na noite passada

“Vem logo pra cama, meu amor, não aguento mais esperar! Isso, me beija! Que beijo delicioso... Isso, chupa meus lábios, assim, sim, eu adoro isso... Enfia a língua no fundo da minha boca! Meu tesão. Isso! Pega na minha bunda, pega... Com esse beijo você pode tudo! Ai, esse dedinho... Você sabe que eu adoro quando você enfia um dedo no meu cuzinho... Pode enfiar mais, meu bem, enfia mais, enfia tudo! Ai, meu amor, seu filho da puta! Enterra esse dedo aperta minha bunda e me beija! Você vai querer comer o meu cu, não vai? Eu sei que vai, sinto sua maldade... Pode comer, amor, você pode tudo... Se você enterrasse só mais um pouquinho esse dedo eu dava tudo para você! Isso, me aperta, aperta mais! Que homem gostoso! Vem para dentro, meu bem, quero sentir você entrando em mim... Quer me chupar?... Então chupa, chupa que você sabe que eu fico toda tua! Olha como eu rebolo pra você, olha como eu fodo sua boquinha... Assim, assim... Eu vou gozar!... Chega, tira a boca, por favor! Não quer tirar? Quer chupar mais, canalha? Você sabe que assim eu fico toda obediente... Ai, enfia um dedinho na minha buceta, enfia, por favor! Eu vou pôr pra você! Isso, meu amor, assim... Eu sei que você gosta quando eu rebolo... Enfia esse dedo... Enfia mais um... Mais um! Mais! Eu morro! Isso, suga assim que eu vou gozar! Assim...

Aperta! Aperta!...

Mas que maldade! Como você me maltrata, canalha. Diz o que você quer que eu faço. Quer que eu chupe? Quer pôr a camisinha?... Toma, meu bem. Onde você vai meter, hein? Hoje qualquer lugar pra mim tá bom... Hoje eu estou toda pra você... Quer que eu suba? Quer me ver montada? Então você vai ver, meu amor! Vem cá, vem... Devagar... Vou ficar só me esfregando até você implorar. Eu sei que você gosta... Eu também gosto... de rebolar pra você... Isso, olha... Olha bastante que eu reboło mais... Calma! Deixa que eu ponho. Vou pôr só a cabeça... Olha como eu reboło em volta dela... Adoro essa sua cara de tesão. Está sofrendo, querido? Sofre não... É pro seu bem, meu amor. Deixa que eu vou sentar de uma vez na sua pica contraindo minha buceta pra ficar bem apertadinho! Geme, meu amor, geme que eu faço mais forte. Que coisa linda, você me olhando assim, quase apavorado! Lindo... lindo... É pra eu mexer mais forte? Tá bom, meu bem. Deixa eu segurar em você, assim... assim... Minhas unhas estão machucando seu peito? Nããão?... Você gosta? Gosta? Isso, geme, meu amor, geme que eu aperto mais e te fodo com mais força... Eu vou morrer! Você ai gozar? Goza, filho da puta! Goza que eu vou gozar junto..."

Ontem

Ontem eu pensei que você ia chegar aqui, ligar a televisão e sentar para descansar. Então eu, como quem não quer nada, ia passar na sua frente completamente nua em direção à cozinha — um rebolado bem discreto. E você ia me seguir até lá e me encontrar virada de costas, fingindo que mexia em alguma coisa, com a bunda propositalmente empinadinha em sua direção. Então você ia me abraçar e me roçar e eu empinaria mais a bunda contra o seu pau já duro e começaria a rebolar devagarzinho para te deixar mais e mais excitado. Aí você começaria a respirar mais forte e a suspirar de vez em quando, e eu a gemer bem baixinho. Você passaria as unhas de leve nos meus seios e eu gemeria mais forte e apertaria minha bunda contra o seu pau e desabotoaria sua calça. Você tiraria a sua roupa, continuaria me abraçando, encaixaria o pau no meio da minha bunda e ficaria apertando os meus seios, me roçando e gemendo e dizendo “que bunda gostosa” e eu cada vez mais excitada, rebolando, empinando, apertando... Então eu ia me inclinar na pia e me oferecer toda e você ia abrir a minha bunda para olhar bem o meu cu, como se ele já fosse seu. E ia encaixar a cabeça do seu pau na entradinha e ficar cutucando e forçando e gemendo e dizendo “puta... sua puta...”. E eu ia gemer de gosto a cada palavrão, a cada cutucada do seu pau, a cada suspiro seu. Daí você ia bater na minha bunda e eu ia ficar mais excitada e me inclinaria ainda mais, e você

ia gemer de gosto de ver meu rabo assim exposto. Minha buceta já estaria pingando e você ia molhar a mão nela e lambuzar seu pau, olhando minha bunda e dizendo “gostosa... que bunda gostosa...” e ia dar mais uns tapinhas e dizer, “puta... sua puta... vou comer esse cuzinho”. E eu, sufocando um grito, “come... come que pra você eu dou tudo, canalha...”. E você ia começar a entrar bem devagarzinho, só a cabeça, e a apertar a minha bunda e dizer “rebola, rebola, sua puta” e eu ia rebolar, fazendo a cabeça do seu pau passar inteira, você gemendo e dizendo “ai, que cuzinho gostoso, vou enfiar de uma vez, faz força pra fora...” “...vem, vem, vem que eu adoro...”. Então eu abria bem meu esfíncter fazendo seu pau deslizar para dentro e colheria o seu melhor e mais alto gemido. “Tem que ser muito mulher! E muito puta!...”. E você já seria o homem mais feliz do mundo segurando meu cabelo e empurrando seu pau, e tirando, e enfiando mais fundo, e eu quase gritando de tesão e você metendo à vontade e batendo mais na minha bunda e eu inclinada na pia “bate! bate! bate que é gostoso...”, “gostosa, vou gozar, sua puta...”, “goza, filho da puta, goza que eu vou gozar junto” e as nossas pernas tremendo e o seu grito e o meu assustando os vizinhos.

Uma pena: você não veio. Mas tenho certeza de que foi por uma boa causa.

Amor, Anna.

ABC oral II

André gostava quando eu lambia entre o cu e o saco; Bruno gostava que eu comesse lambendo de leve só a cabeça do seu pau; Caio preferia que eu sugasse a cabeça bem devagar; Daniel gostava que eu desse mordidinhas enquanto ia enfiando seu pau na minha boca; Denis preferia que eu varresse todo seu pau com a minha língua, várias vezes e com alguma força; Edu gostava que eu lambesse de baixo para cima e de cima para baixo; Fábio gemia fundo quando eu abocanhava seu pau até o fim, até ficar sufocada; Gabriel perdia o fôlego quando eu chupava suas duas bolas ao mesmo tempo; Gilberto gostava quando eu sugava seu pau todo; Hélio preferia que eu chupasse cuidadosamente, fazendo seu pau entrar e sair da minha boca; Ivan gostava que eu pressionasse o pau dele contra a parte de dentro das minhas bochechas; Jaime adorava que eu o chupasse com o dedo enfiado no seu cu; Kleber perdia a cabeça quando eu lambia o cu dele; Luís quase desfalecia quando eu o colocava de pé e enfiava a língua no seu cu enquanto, com as mãos, o masturbava; Marcos gostava que eu o masturbasse sentada em seu peito, exibindo a minha bunda; Nelson exultava quando nos beijávamos deitados de lado e depois eu descia para chupá-lo na mesma posição; Nilson gostava que eu olhasse para ele enquanto chupava seu pau; Otávio adorava que eu fosse cravando as unhas na sua bunda conforme ele se aproximava do orgasmo e

Olavo gostava que eu enfiasse um segundo dedo no seu cu na mesma situação; Paulo aproveitava para me chamar de puta quando eu não podia responder; Rafa gostava quando eu interrompia o jantar e descia por baixo da mesa pra lhe dar os melhores beijos; Sílvio adorava que eu ficasse de quatro enquanto o chupava para poder ficar passando os dedos de leve no meu rabo; Thiago gostava de apertar minhas costelas com seus joelhos enquanto enfiava seu pau na minha boca da maneira que bem entendesse; Vicente gostava quando eu ficava de joelhos pra chupá-lo e também gostava que eu apertasse a parte de trás de suas coxas; Wilson gemia quando eu girava a língua em torno do seu pau com ele dentro da minha boca; Yan adorava quando eu esfregava o pau dele na minha cara; Zelito gostava de enfiar e tirar a língua da minha buceta e o pau da minha boca no mesmo ritmo.

Só de olhar nos olhos dele

Primeiro eu gozei me masturbando para ele olhar. Depois eu gozei com ele sugando e lambendo o meu clitóris. Depois eu gozei me masturbando de bruços enquanto ele enfiava o dedo no meu cu. Depois eu gozei me masturbando de bruços enquanto ele lambia o meu cuzinho. Depois eu gozei me masturbando de bruços enquanto ele enterrava bem devagar o pau dele no meu cu. Depois eu gozei me masturbando de bruços com o pau dele enfiado na minha buceta. Depois eu consegui gozar só com o pau dele na minha buceta, de quatro, bem forte, sem me masturbar. Depois eu gozei só com a língua dele entrando e saindo da minha buceta. Gozei me masturbando enquanto ele enfiava a língua na minha orelha e gozei me masturbando enquanto ele chupava os meus peitos. Depois gozei só com a língua dele na minha orelha e só com ele chupando os meus peitos. Depois gozei só com a língua dele no meu cu — e foi glorioso! Depois gozei só com o pau dele entrando e saindo do meu cu e ele sussurrando “puta... sua puta...”. Quando ele me comeu de quatro e deu uns tapinhas na minha bunda, gozei mais forte. Depois gozei com ele lambendo o meu umbigo, com ele mordendo os meus joelhos, com ele lambendo e chupando atrás dos meus joelhos... Gozei com ele falando porcarias no meu ouvido enquanto apertava o pau contra a minha bunda. Gozei só com as imundícies que

ele dizia no meu ouvido. Gozei chupando o pau dele, gozei tocando o pau dele — só a pontinha dos dedos! Ainda vou gozar só de beijar a boca dele, só de sentir o cheiro dele, só de olhar nos olhos dele.

A arte de chupar

Às vezes, estando cansada e sonolenta, ele pedia para chupar minha buceta dizendo que precisava “se acalmar”. Eu gozava, ele sorria e dormia tranquilo, me deixando incrédula. Mas foi provavelmente isso que fomentou meu gosto por chupá-lo longamente, experimentando todas as intensidades do sugar, todas as formas do lambar, explorando as diferentes texturas do seu pau, da cabeça até a base, com a língua, com os lábios, com os dentes... Decidido a aproveitar cada segundo de semelhante privilégio, era raro ele gozar na minha boca, e saber que a foda não pararia na chupada me dava mais tranquilidade para transformá-la em uma viagem própria.

A verdade é que fomos nos aperfeiçoando nessa arte, tanto eu quanto ele. Conforme fui me tornando mais criativa e tendo mais e mais prazer na coisa, ele também foi se aprimorando: explorava diferentes formas de me chupar, me fazendo gozar várias vezes seguidas, sem nem consentir em tirar a cara do meio das minhas pernas entre um orgasmo e outro (pensando nas outras mulheres, eu tinha pena de todas). Comecei a venerar o pau dele. Vê-lo ereto, inchado, afirmativo, provocava em mim um pedido de lábios, um desejo de língua, uma vontade de engolir. Ele aprendeu a exhibir o pau pra mim — eu aprendi a me exhibir para o pau dele. E, com ele duro e pulsante, pegá-lo nas mãos, apertá-lo, sentir a tensão das veias sob meus dedos, a pele fina da cabeça tão quente contra meus

lábios que eles passavam a pulsar também, a língua espalhando a saliva gulosa da boca por toda a extensão, o engolir, o sugar, o tirar a boca, segurar de novo, lambe a cabeça olhando para ele, engolir de novo olhando para ele, abraçar com os lábios até a base e sentir a textura da pele fina contra minha garganta, colher os gemidos e sentir a pulsação das veias contra minha língua, gemer também, subir novamente mordendo de leve, passar a língua ao redor de todo o caule, senti-lo aumentar, colher mais gemidos, pressionar a cabeça contra a parte de dentro das minhas bochechas, beijá-la, segurar de novo, morder, olhar de novo para os olhos dele agora me agradecendo, rodear a cabeça com a língua olhando para ele, fazer o pau entrar e sair da minha boca, ouvindo-o dizer gemendo “linda... gostosa... que língua gostosa...”.

“Você me proporcionou a melhor chupada da minha vida!”. Olhei para ele sorrindo orgulhosa, sem deixar de segurar firme — ele também sorria, admirado e grato. Seu pau continuava pulsando na minha mão e eu voltei a chupá-lo entregue a uma espécie de transe. Sugar com força, gemer, colher gemidos, lambe, sentir pulsar, sentir a vibração do corpo dele irradiar para o meu corpo e lambe mais, sugar mais, beijar, morder, gemer, olhar, fechar os olhos, cheirar, engolir, beijar, fazer entrar e sair, lambe forte, lambe leve, rodear com a língua, sugar novamente, até perceber minhas coxas se contraindo e ter de deixar o pau dele para dar lugar a um grito fundo e gutural, fruto de um orgasmo intenso e longo que sacudiu todo meu corpo enquanto eu ainda sentia o pau dele reagir a tudo isso pulsando sob os meus dedos.

Hoje de madrugada

Como fazia tempo que eu não dormia profundamente, escutei ele abrir a porta, deitar com cuidado para não me acordar e me abraçar de mansinho. Estava nu, como eu. Senti o pau dele se encostar hesitante na minha bunda: bem rijo. Ele se segurava, quase sofrendo, porque sabia que eu precisava acordar cedo e teria um longo dia de trabalho pela frente. Trêmulo de tesão, ficou passando o pau bem de leve na minha bunda, nas minhas coxas, nas minhas costas. Até que finalmente adormeceu, frágil como uma criança que se conforma com o castigo. Eu, que na tentativa de adormecer fingia dormir, acabei acordando.

Olhei para ele encolhido em um canto da cama, cara desprotegida de menino. Naquela figura, sobrava um magnífico cacete reivindicando atenção. Senti-me na obrigação de harmonizar aquela forma: devolver o caralho ao homem e o homem ao caralho. Minha boca se encheu de saliva e comecei a lambê-lo. Amo a textura macia da cabeça, as veias latejantes do caule, a pele rugosa do saco. Fui molhando tudo com minha língua até despertar o gigante, que segurou meus ombros e me derrubou de costas na cama. Já era um homem total que separava minhas pernas e mergulhava a boca em minha buceta como quem diz “não me atrapalhe!”.

Não ousaria. Fiquei parada, desapropriada, pernas muito abertas, toda para ele. Ele rodeou meu clitóris com a ponta da língua, sugou devagar, lambeu mais. Comecei

a me molhar e a gemer. Ele parou. Fiquei ofegante e apreensiva, mas sem ousar dizer uma palavra. Sem pressa, ele deitou sua língua sobre meus grandes lábios repetidas vezes, encharcando-os de saliva. Segurei meus gemidos para que ele não parasse. Minha buceta já latejava, mas os pequenos lábios ainda estavam fechados. Ele os separou com a língua, misturando sua saliva com o meu suco que já escorria até o cu e pingava na cama. Gemi. Ele repetiu o movimento de passar a língua entre meus lábios. Rebolei um pouco, levantei os quadris, me abri mais, me ofereci. Ele começou a gemer também e o mundo em volta se calou em respeito à nossa vertigem.

Sugou os meus lábios, enfiou a língua na minha vagina, voltou ao clitóris, encharcou minha buceta de saliva enquanto eu continuava escorrendo, melando o cu e a cama. A cada vez que me aproximava do orgasmo ele parava, mudava o estímulo. Eu me contorcia, gemia, me abria, pedia, implorava, mas não me atrevia a dizer palavra. Estava claro que naquela noite quem mandava era ele. Ele passou de leve os dedos no meu cu e gemeu de gosto e antegoço ao encontrá-lo tão molhado quanto minha buceta. Tremi de expectativa. Gemi imóvel enquanto ele apalpava sem pressa a minha rodinha, sentindo-a relaxar e pedir pelos seus dedos. Nas noites em que é mais difícil adormecer sem ele, imito esse apalpar imaginando como ele me sente. Meu cu, em repouso, é durinho, mas ao toque ele relaxa e é possível perceber uma carnezinha em volta do esfíncter, macia como uma esponja, que cede com gosto até que o dedo encontre o verdadeiro anel, de início tenso e minúsculo, de aspecto impossível, mas que também cede fácil à pressão de um toque interessado e envolve o dedinho intruso com uma força surpreendente. Depois é apenas um mergulho

quente, apertado e macio.

Mas desta vez ele meteu só a pontinha e ficou vibrando o dedo lá dentro. Gemi, rebolei e apertei seu dedo com bastante força, tentando sugá-lo para dentro. Ele gemeu alto, eu apertei de novo, ele gemeu mais e consentiu entrar mais um pouco. Quase em desespero, rebolei em volta do seu dedo, levantei os quadris, exibindo a buceta encharcada, o cu dilatado, gemi, contraí o esfíncter para sugá-lo. Ele gemeu bastante, mas não cedeu. Tirou o dedo me deixando paralisada de surpresa e apreciou meus quadris em riste e minha cara de espanto. Então, sem pressa, lambuzou ainda mais o cuzinho com meu suco que ainda pingava, apalpou-o com três dedos, apertou minha bunda com força e colheu meus gemidos de angústia. Satisfeito, encostou a ponta de dois dedos na entradinha e ficou me observando rebolar, empurrar e sugar até que eles estivessem completamente enterrados. Suspirei de alívio e contraí toda musculatura, estrangulando seus dedos. Ele gemeu como se fosse seu pau que estivesse lá dentro. Então começou a mexer os dedos e gemer enquanto eu rebolava e fazia o meu cu apertar ritmadamente. Mas outra vez ele parou quando sentiu que eu ia gozar e, sem tirar os dedos, voltou a sugar e lambeu meu clitóris.

Gozei gritando. E contraí o cu com tanta força que acreditei poder quebrar os dedos dele. Sentindo meu cu latejar, ele também gemeu alto e desabamos os dois na cama.

Percebi que ele não tinha ejaculado e, ainda tentando me refazer, perguntei se ele queria continuar. Ele me olhou espantado, fez que não sorrindo e adormeceu em seguida. Ninguém poderia dizer que não havia gozado. Contemplei ao meu lado o menino satisfeito, sonhando

com os brinquedos do dia anterior e do dia seguinte, mas não consegui voltar a dormir: tantos livros no mundo para ler! Decidi aproveitar a insônia para terminar o *São Bernardo*. Só adormeci com o dia claro, mas feliz pela certeza de finalmente ter me livrado do destino da Madalena.

ABC anal

André gostava que eu exibisse bem o meu cu antes dele lamber; Bruno gostava de lamber direto e deixá-lo bem molhado; Caio preferia começar a lambida pela buceta; Daniel adorava que eu enfiasse um dedo para ele olhar; Denis preferia que eu enfiasse logo dois; Edu gostava de forçar a entrada com sua língua; Fábio perdia o fôlego quando eu empinava a bunda pedindo pelos seus dedos; Gabriel adorava me chupar vibrando os dedos dentro do meu cu; Gilberto gemia fundo quando eu apertava os dedos dele com meu esfíncter; Hélio adorava sentir meus dedos no seu cu enquanto metia os dele no meu; Jaime gostava de ficar apertando o pau dele contra o meu cu, sem entrar; Juca amava que eu piscasse para apertar a cabecinha; Ivan gostava que eu segurasse o pau dele, controlando a penetração; Kleber exultava quando eu rebo-lava pra trazer seu pau pra dentro; Luís perdia a cabeça quando eu apertava e soltava o esfíncter, sugando o pau dele; Marcos quase morria quando eu deixava ele me penetrar de uma vez só; Nelson gozava sentindo meu cu piscar no pau dele; Nilson gostava de me ver cavalgá-lo com o pau no cu; Otávio adorava bater na minha bunda para apressar meu orgasmo e Olavo amava esfregar o meu clitóris para causar o mesmo efeito; Paulo adorava me xingar de puta enquanto me fodia; Rafa gostava de lamber minha orelha enquanto mexia o pau dentro da minha bunda; Sílvio amava que eu ficasse de quatro para ele

me foder vendo bem o meu rabo; Thiago gostava de me pôr de bruços quando queria meter mais forte; Vicente adorava que eu ficasse de ladinho, de preferência com as mãos amarradas; Wilson amava puxar os meus cabelos; Yan nunca esqueceu o anal giratório. Eu adorava manter Zelito bem paradinho, enterrado no meu cu, para mexer a minha bunda no ritmo que eu quisesse e por fim me dissolver em um gozo longo, muito longo, mastigando e cuspiendo seu pau já flácido.

Na cama

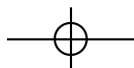
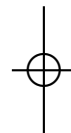
— Mas você não fica constrangida quando ele te chama de puta, cadela, vagabunda?

— Eu fico constrangida quando ele diz que me ama.



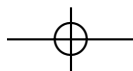
Gosto de ferro

Nunca esqueci os homens que lamberam meu sangue menstrual.



Ejaculação

No lençol, a marca de um jato cor de sangue. Sim, eu ejaculo.



Quem com falo fere, com falo será ferido

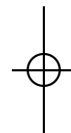
Enquanto ele chupava minuciosamente minha buceta, fui sonhando que dizia: “Que delícia... Chupa minha buce-tinha, chupa minha xoxotinha... Assim, assim mesmo, amor... Bate a linguinha aí... Isso... Bate... Mais rápido... Que delícia... Isso... esfrega bem esse linguão gostoso... esfrega assim... Agora mete a língua lá dentro... Assim... assim... Ai, meu amor, que gostoso... Enfia bem essa língua na minha buceta... Isso, lambe tudo... Chupa... Chupa minha buceta toda... Chupa, chupa mais, aboca-nha tudo... Isso, isso, assim... Que tesão... Tô fodendo sua boquinha com a minha bucetinha... Que língua de-liciosa... Isso, suga assim... suga forte... suga que eu tô fodendo sua boquinha...”. Então comecei a sentir meu cli-tóris inchando cada vez mais e virando um pau grosso e latejante — e era o meu pau que ele chupava agora. E eu sentia ele sugar o meu caralho todo, e a língua dele lam-ber o caule, a cabeça, e o meu pau inchar cada vez mais na boca dele, crescer entre os dentes dele, tocar as boche-chas dele... Até que me dissolvi num gozo longo e rouco, pensando que esporrava em sua garganta.

Ao vê-lo assim, deitado de bruços, entregue ao tor-por de quem ainda não saiu do sono, senti uma vontade enorme de cobrir sua bunda com meu corpo. Deitei-me por cima dele e fui pressionando meu púbis contra seus

glúteos fortes, minhas mãos por baixo de seus ombros e meu nariz em sua nuca. Senti que ele se entregava, e aquilo me excitou ainda mais. Fui mordendo os ombros dele, tão fortes, e pressionando meu púbis contra aquela bunda espetacular, cada vez com mais ritmo e mais força. Ele foi relaxando, se deixando foder, e eu fui ficando mais forte, mais viril, e podia sentir meu clitóris crescer a ponto de explorar a entrada da bunda dele. “Vou te comer, seu puto, vou comer sua bundinha e você vai gostar”, foi o que eu não falei naquela hora. Então, sem parar de fodê-lo, meti a mão por trás na minha buceta e lambuzei-a toda. “Canalha, vou comer teu cuzinho, vou te mostrar como é bom”. Meti um, dois, três dedos na minha buceta, meti a mão bem fundo lá dentro, me fodendo e fodendo ele, que se abria parecendo escutar o que eu não ousava dizer. Sem parar de fodê-lo com meu corpo inteiro, tirei finalmente a mão bem molhada, afastei um pouco meus quadris e comecei a passar a mão no meio da bunda dele, no cu dele, e o deixei bem lambuzado. “Ai, putinho, você está gemendo? Você vai deixar eu foder seu cuzinho com a minha mão, vai?”. Sem parar de manter o ritmo da foda, com o meu corpo todo em cima dele, fui movendo meus três dedos lambuzados na entrada do seu cu, explorando aquela parte até então desconhecida, trabalhando cuidadosamente em favor das minhas piores intenções. “Geme, putinho, geme gostoso que eu vou foder esse cuzinho, e vai ser agora” — e ele gemia como se escutasse. Fui apalpando a carne macia como uma esponja, mexendo os três dedos com uma técnica que eu mesma não sabia, e senti o esfíncter começar a relaxar. A essa altura, minha buceta já pingava tanto que o suco escorria direto para a bunda dele. Usei a outra mão para lambuzá-lo mais e deixei seu cu bem molhado. De olhos

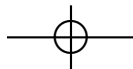
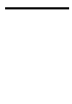
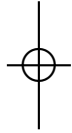
fechados, ele gemia enquanto eu olhava direto na cara dele. Um de cada vez, meus três dedos foram entrando. Como sua bunda era muito grande e muito dura, apenas a metade de cada dedo pôde penetrar aquele cu — mas era mais que suficiente. Ele gemia e rebolava esfregando o pau na cama e oferecendo o cu para mim. Então encaixei meu púbis sobre a mão que o penetrava e fui metendo cada vez mais forte e mais rápido, fodendo-o com minha mão, com o meu corpo inteiro, comendo a bunda dele por trás — e ele rebolando todo entregue e gemendo sem ousar abrir os olhos — e eu mexendo os meus dedos lá dentro como se tivesse nascido para isso. “Meu putinho gostoso, que delícia de cuzinho, geme, geme enquanto eu fodo sua bundinha... Isso, rebola, eu vou gozar...”

Esporrei dentro daquele cu quando percebi que ele ia lambuzar os lençóis.



Fomento

- Você me deixa envaidecida.
- E você me deixa intumescido.



A puta

Quando ele bateu à porta do escritório, eu já estava excitada com o conto que acabara de escrever. Mande-o entrar já fechando as cortinas e beijei-o enquanto puxava suas calças para baixo num gesto incisivo. Ajoelhei-me sobre elas. A cena deixou-o com um tesão enorme, que pude sentir crescer entre meus dentes, latejar sobre minha língua, tocar minha garganta. Chupei com vontade enquanto ele gemia, rendido e imperativo, puxando de leve os meus cabelos.

Enquanto minha língua se empenhava em transformar aquele pau ainda tímido num orgulhoso caralho latejante, brinquei de olhá-lo nos olhos e vi que ele gostava da posição de superioridade consentida. Estávamos criando uma pequena cena, num cenário até então inédito em nossos jogos sexuais naquela casa. Imaginei-me uma prostituta ou colega de escritório e senti minha buceta pingar. Abandonei o cacete em riste e coloquei-o sentado na cadeira que minutos antes eu usara para destruí-lo em um conto fático. Dei-lhe as costas e tirei a calcinha empinando bem a bunda em sua cara e, nessa posição, comecei a dizer enquanto rebolava de leve:

— Hora extra? Você adora fazer hora extra, não é, canalha? Sua mulher acredita nisso?

Ele gemia, ainda sem saber o que dizer.

— Vai fazer hora extra comigo?

— Vou, vou... — ele dizia enquanto sua vara olhava para mim.

— Quer chupar minha bucetinha? — e me inclinei ainda mais, deixando-o ver tudo bem aberto.

— Queeeero... — gemendo.

— A da sua esposa é depiladinha assim? Aposto que não... Quer lambe? Vou me inclinar bem cadelinha pra você me lambe por trás.

Me inclinei na janela, ele abocanhando minha xota inteira.

— Lambe como um cachorrinho, lambe. Lambe pra ver sua cadelinha gemer... — e gani, como ele adorava.

— Deixa minha buceta bem molhadinha pra eu sentar no seu pau.

Ele segurou minha bunda com as duas mãos puxando-a para trás e enfiou bem a cara nela. Foi metendo a língua bem fundo, me fazendo pingar. Depois lambeu meu cu. Eu dizia:

— Ai, assim não pode, assim eu não vou querer cobrar...

Gozei com ele lambendo meu cu, o que me deixa sempre querendo dar tudo, qualquer coisa para ele. Sem parar de exhibir minha bunda.

— O que você vai querer da sua putinha, hein? Vou fazer bem gostoso pra você. Conta pra mim o que ela não faz, conta. Pode pedir, canalha, pode pedir que eu faço...

— Senta no meu pau, sua puta! Senta bem forte no meu pau e me deixa ver essa bunda.

Sentei naquele caralho duro e quente e fui rebolando, me segurando na janela, subindo e descendo para ele ver.

— Puta delicia!

— Tá gostando, canalha? Vai querer fazer mais hora extra comigo?

— Vou, putinha, piranha, cadela, mexe essa bunda pra mim...

Fui empinando, rebolando, acelerando enquanto ele gemia cada vez mais alto e me dava uns tapinhas.

— Bate, canalha, bate que essa puta gosta... Olha como eu tô molhadinha... — Fiquei de pé e empinei de novo minha bunda na cara dele para ele me ver pingar.

— Quer comer meu cuzinho?

— Queeero...

— No cuzinho é mais caro, viu?

— Hmmm...

— Mas se você fizer gostoso eu não aumento o preço...

— Vou fazer bem gostoso, putinha.

— Então molha meu cuzinho, molha. Passa a mão na minha bucetinha e molha ele... Vai querer comer esse cuzinho...?

— Vou, sua puta!

Ele se levantou da cadeira, segurou o pau e colocou a cabeça bem na entrada do meu cu.

— Agora eu vou rebolar e fazer seu pau entrar. Você quer, canalha?

— Queeero...

Fui rebolando para a cabeça deslizar e contraindo e soltando o esfíncter fazendo meu cu sugar o pau dele para dentro. Ele gemia muito e cada vez mais alto. Empurrei minha bunda em sua direção e pus o cacete todo no meu rabo. Ele urrou de gosto.

— Gostou, cafajeste? Aposto que sua mulherzinha não sabe dar o cu como eu, sabe? Nem o cuzinho dela te aperta igual ao meu... Nem o rabo dela é tão bonito quanto o meu...

Ele alisava minha bunda e suspirava sem dizer nada.

— Vem comer meu cuzinho, vem. Mexe seu pau bem gostoso na bunda da sua putinha. Mete que ela gosta. Vem... — apoiei as mãos na cadeira e empinei bem o rabo para ele meter. Ele foi perdendo o controle e metendo com força, enquanto segurava meus quadris com as duas mãos.

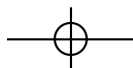
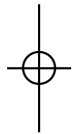
— Ai, puta, puuuuta... Puta, gostosa...

— Bate, canalha, bate e me come com força! — e olhava para trás, por entre os cabelos que me caíam na testa, para ver a cara de perdido dele.

— Agora goza, filho da puta, goza gostoso nesse cuzinho, enche meu rabo de porra, esquenta meu cu, canalha, goza pra sua putinha, goza... Goza... Deixa ela te ver gozar, goza que eu vou gozar junto, vou gozar só no cuzinho, pro meu homem, pro meu macho, pro meu cachorro, vou esmagar seu cacete com o meu rabo... Isso, goza, goza pra mim...

No vestiário

No vestiário, ela falava para a outra sobre uma moça obtusa que não percebia suas investidas. Quando saí do box, ela me olhou e disse “É você mesma, é de você que eu estava falando.” Olhei-a com espanto, pensando em dizer que eu não tinha mesmo percebido, mas isso era porque eu nunca tinha me interessado por mulheres, então não considerava que elas pudessem se interessar por mim e... Enquanto isso a amiga dela se encarregou de sumir e, ainda sem conseguir dizer nada, percebi que a garota era bonita, pequena, forte, cabelos castanhos, lisos... e senti vontade de ver sua buceta e beijei sua pequena boca e lambi sua língua, chupei seus lábios e o beijo era delicioso, lambi, chupei, cheirei sua boca e apertei o corpo dela contra a parede e enfiei a mão por dentro do seu biquíni e gostei de sentir a sua buceta e belisquei seu grelo imaginando o cheiro dele e meti um dedo, depois dois e ela gostava e eu beijava, beijava a sua boca gostando do beijo, língua saliva lábios dedos meu corpo contra o dela apertando os dedos para dentro até que ela gozou e gemeu com as pernas tremendo e eu acordei gozando.



Com palavras

Ele encosta a boca no meu ouvido e sussurra: “Da próxima vez quero me acabar de comer seu cuzinho, quero encher ele de porra. Você quer?” “Queeero” “Primeiro vou raspar sua buceta e seu cu bem raspadinhos... Depois vou enxaguar tudinho... Vou secar sua bucetinha com minha língua... Depois beber no seu cu...” “E meu pau vai ficar latejando de tão duro... Enquanto eu lambo seu cu lisinho...” “Hmm...” “...e fodo sua buceta com os dedos... Você vai estar deitada e algemada...” “Aii...” “Depois vou dar uns tapinhas até você ficar vermelhinha... Te virar de lado e chupar seus peitões... um depois o outro...” “Hmm” “Botar você de joelhos e foder sua boca... Enfiar meu pau lentamente até a garganta... Deixar você me engolir... e tirar só quando te faltar fôlego...” “Depois te botar de bunda pra cima na beira da cama... ainda algemada... E preparar seu cuzinho pra me receber... lambendo bem fundo...” “Hmm...” “E depois que você gozar com as lambidas... nessa posição... algemada ainda... vou metendo meu pau com carinho... paro e fico rebolando pra você acostumar...” “Delícia...” “E depois... com a cabeça pra dentro... eu fico te torturando... não ponho tudo... só pra te maltratar... Até você pedir pra meter tudo...” “Mete, mete, mete...” “Eu meto até o fundo e colo a boca na sua orelha... assim como ela está agora... e falo as maiores putarias...” “Fala...” “Vou chamar o seu orgasmo... Vem, cadela... vem... me dá o seu gozo...” “Aii...” “Geme desse

jeitinho... como uma cadelinha... Deixa vir... Me dá... Dá pra mim, putinha... Dá seu cu algemadinha... toda indefesa..." "Ahhh..." "E com o pau bem fundo eu digo... rebola, cadela... Rebola esse cuzinho... Até você me pedir pra meter com mais força..." "Mete..." "Se entregar toda... Comigo... Goza, putinha, goza comigo... Grita pra eu ouvir... Grita..." "To gozando!... To gozando!..." "Vou me derrear todo no seu cuzinho... Vou encher esse cuzinho de porra..." "Filho da puta, não paro de gozar... Gozei com suas palavras... Ai, meu amor... Ai, cachorro... Não acaba nunca..." "Você goza de qualquer jeito, sua puta..." "Cana-lha..." "Amor..."

Planos

Ela diz:

Gostou dos contos?

Ele diz:

muito...

Ele diz:

o ruim é que fico excitado sempre

Ele diz:

pau duro direto...

Ela diz:

rs

Ela diz:

Tadinho...

Ele diz:

isso é ruim pra mim

Ele diz:

verdade

Ele diz:

punheta e punheta

Ele diz:

e punheta

Ele diz:

e punheta

Ele diz:

não sou casado como você

Ela diz:

Você precisa arrumar uma namorada aí...

Ele diz:

se fosse fácil...

Ela diz:

Juro que adoraria te ajudar numa hora dessas...

Ele diz:

você achou mesmo a minha pica linda?

Ela diz:

Siiim...

Ele diz:

nunca ninguém me disse isso...

Ela diz:

Malvadas!

Ela diz:

E já veio com a cabeça apontadinha...

Ele diz:

é verdade...

Ele diz:

apontando para onde quer entrar...

Ela diz:

Anatomia perfeita pra fazer o que você mais gosta...

Ele diz:

rs

Ela diz:

A-do-ro

Ela diz:

Já tô te maltratando de novo...

Ele diz:

não! pode falar

Ele diz:

quero ficar de pau duro

Ele diz:

e pensar em você

Ele diz:

para quando chegar em casa

Ele diz:

pensar em como será

Ele diz:

em como vou te lambar

Ele diz:

em como vou te chupar

Ele diz:

de quatro...

Ela diz:

Ai! que maldade!

Ele diz:

lamber sua buceta... depois seu cu durante horas

Ela diz:

Agora é você que tá me maltratando...

Ele diz:

passar um bom tempo lambendo seu cuzinho

Ele diz:

até ficar molhadinho

Ela diz:

Hmmmmmmm

Ele diz:

quase escapulindo minha língua para dentro

Ele diz:

bem molhado...

Ela diz:

Cachorro...

Ele diz:

depois vou passar a chupar sua buceta

e enfiar só a pontinha do meu

dedinho no seu cuzinho

Ela diz:

Pra eu ficar toda sua...

Ele diz:

sim

Ele diz:

fazer você ficar doida

Ela diz:

Pra eu piscar no teu dedinho...

Ele diz:

isso

Ele diz:

chupar e chupar

Ela diz:

Até eu pedir pelo teu pau...

Ela diz:

Até eu implorar...

Ele diz:

pra eu enterrar meu pau no seu cuzinho

Ela diz:

Come meu cuzinho, come!

Ele diz:

quero ver ele entrar todo e você pedir mais

Ela diz:

Vou sugar ele pra dentro daquele jeito que só eu sei...

Ele diz:

eu quero...

Ele diz:

quero ver você rebolar com ele lá dentro...

Ela diz:

E vou implorar pra você ir mais e mais fundo...

Ele diz:

sentar mesmo...

Ela diz:

Vou adorar rebolar no seu pau...

Ele diz:

quero enfiar ele todo... pra quando estiver
metendo em você, ouvir minha coxa batendo
na sua coxa

Ela diz:

De quatro...

Ele diz:

isso...

Ele diz:

depois eu tiro, lambo mais um pouquinho...

Ela diz:

E eu vou exhibir meu cuzinho pra você, vou rebolar
pra você ver bem o seu pau entrando e
saindo do meu rabo...

Ele diz:

eu quero...

Ela diz:

...pra sentir bem sua pica enterradinha lá dentro...

Ele diz:

Quero muito...

Ele diz:

quero ver por todos os ângulos...

Ela diz:

Vou apertar ela pra ouvir você gemer...

Ele diz:

quero bem apertadinho...

Ele diz:

vou meter e lambar

Ele diz:

lamber e meter

Ele diz:

e lambar e meter...

Ele diz:

desordenadamente

Ele diz:

e quero que você veja meu pau entrando no seu cu

Ele diz:

bem devagar...

Ela diz:

E eu vou gozar muitas vezes...

Ele diz:

na marcha lenta...

Ele diz:

pode me molhar quantas vezes quiser

Ele diz:

molhar meu pau com seu gozo...

Ela diz:

Mas antes de você gozar

Ela diz:

Vou te colocar deitado de costas

Ela diz:

Vou sentar no seu pau exibindo bem a minha bunda...

Ela diz:

Pra você ficar olhando ele entrar e sair do meu cu...

Ela diz:

E quando você não estiver mais aguentando...

Ela diz:

Eu viro de frente pra você...

Ela diz:

Sem deixar o seu pau escapar...

Ela diz:

Mantendo ele bem enterradinho...

Ela diz:

E te faço gozar olhando nos seus olhos

Ele diz:

nossa...

Ele diz:

vou gozar muito...

Ela diz:

Vai...

Ela diz:

Vai gozar pra mim

Ela diz:

E vai querer me chamar de puta...

Ele diz:

vou...

Ele diz:

vou sim...

Ela diz:

E vai me odiar por me tornar inesquecível...

Ele diz:

e depois quero gozar também dentro da sua boca

Ela diz:

Vai me deixar te beijar depois?

Ele diz:

vou...

Ela diz:

Delícia...

Ele diz:

vamos comer minha porra juntos

Ela diz:

Hmmm...

Ele diz:

quero lamber meu sêmen da sua língua...

Ela diz:

Delícia...

Ela diz:

Sou capaz de gozar com esse beijo

Ela diz:

E você se tornaria inesquecível...

Ele diz:

eu quero...

Ele diz:

eu quero...

Ele diz:

quero muito...

Ela diz:

Já estou me abrindo pra você...

Ele diz:

pode se abrir...

Ele diz:

porque quero

Ele diz:

quero um dedo

Ele diz:

depois dois

Ele diz:

depois quero o meu pau...

Ela diz:

Minha calcinha está encharcada...

Ele diz:

delícia!

Ele diz:

molha o dedo e passa na boca...

Ela diz:

Passou a calcinha e molhou a calça...

Ela diz:

E eu nem me toquei!

Ele diz:

põe na boca...

Ela diz:

Vou me tocar agora pra você...

Ele diz:

isso! bem molhadinho com o que sobrou

Ela diz:

Estou lambendo...

Ela diz:

Quase não tem cheiro, nem gosto, mas é bom...

Ela diz:

Estou lambendo dedo por dedo...

Ela diz:

E me esfregando...

Ele diz:

tá bem molhadinha?

Ela diz:

Táaaaa

Ele diz:

delícia!...

Ela diz:

Tô me tocando como se você estivesse
aqui olhando pra mim...

Ele diz:

então coloca só a pontinha do dedo no cuzinho

Ele diz:

tem um gosto incrível...

Ele diz:

salgadinho...

Ela diz:

Hmmm

Ele diz:

delicioso...

Ela diz:

Tô lambendo pra você...

Ela diz:

E imaginando que o monitor são seus olhos
olhando pra mim...

Ele diz:

queria estar aí...

Ele diz:

ver você enfiando o dedinho no cu...

Ele diz:

tirando e chupando...

Ela diz:

Vou fazer isso pra você...

Ela diz:

Hmmm

Ela diz:

É excitante...

Ele diz:

é uma delícia!

Ele diz:

adoro chupá-lo em seguida...

Ele diz:

e depois fica mais fácil para ele entrar...

todo molhadinho...

Ele diz:

dá para enfiar o dedo todo...

Ele diz:

bem devagar...

Ela diz:

Eu dava tudo pra sentar no seu pau agora...

Ele diz:

delícia...

Ele diz:

ele tá prontinho... bem duro...

Ela diz:

Tô sofrendo...

Ele diz:

quase gozando sozinho...

Ela diz:

Preciso do seu pau na minha buceta...

Ele diz:

imagina que estou aí estocando você...

Ela diz:

Quero sentar nele aí na cadeira que você está...

Ela diz:

E beijar sua boca enquanto rebolo pra você...

Ele diz:

seria muito bom...

Ela diz:

Até a gente gozar junto...

Ele diz:

queria tanto gozar assim...

Ela diz:

Eu também...

Ela diz:

Mas nossos pensamentos já estão gozando...

Ela diz:

Você já está dentro de mim...

Ela diz:

Nós nem tiramos nossas roupas...

Ela diz:

Você trancou o estúdio...

Ele diz:

sim...

Ela diz:

Eu estou subindo e descendo

Ela diz:

E beijando sua boca

Ela diz:

E gemendo baixinho

Ela diz:

Porque pode passar alguém...

Ela diz:

E nós vamos gozar rápido...

Ela diz:

Porque seu chefe pode chegar...

Ele diz:

pode sim...

Ela diz:

E eu digo no seu ouvido...

Ela diz:

Goza cachorro... goza filho da puta...

Ela diz:

Pra você gozar mais rápido...

Ele diz:

estou a ponto de gozar...

Ela diz:

E eu rebolo mais rápido...

Ela diz:

Subo e desço mais rápido...

Ela diz:

Molho a sua cadeira de tanto tesão...

Ele diz:

e molha o meu pau todo...

Ela diz:

Hmmm delícia...

Ela diz:

Eu sussurro...

Ela diz:

Goza pra mim...

Ela diz:

Goza pra sua putinha...

Ele diz:

vou gozar como um rei...

Ela diz:

E espero só a primeira contração do
seu pau pra gozar também...

Ele diz:

vou inundar sua buceta...

Ela diz:

hmmm

Ela diz:

Delícia

Ele diz:

e depois seu corpo todo...

Ela diz:

Onde quiser...

Ele diz:

posso ir banheiro me masturbar para você
que ninguém vai perceber...

Ela diz:

rs...

Ela diz:

Então vai que eu vou fazer o mesmo...

Ele diz:

delícia...

Ela diz:

Tenho certeza de que vamos gozar ao mesmo tempo...

Ele diz:

vamos sim...

Ela diz:

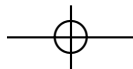
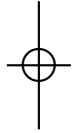
Vai, gostoso...

Ele diz:

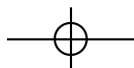
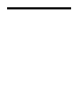
tô indo...

Ele diz:

vamos gozar juntinhos...

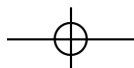
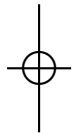


O percurso



Quando mergulhamos em nós mesmos, não descobrimos uma personalidade autônoma desvinculada de momentos sociais, mas as marcas do sofrimento do mundo alienado.

Theodor Adorno

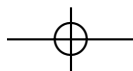


Onipotência

Quando vi aquela mulher nua no hospital, desejei fugir correndo. O corpo dela parecia o meu, mas arruinado pela dor e pelo tempo. Eu já tinha tirado sua camisola suja, a calcinha bege e encarado o repulsivo absorvente urinário. Para lhe dar banho, tentei me convencer de que o bebê não se torna abjeto por não conter as próprias fezes. Ela chorava assustada. Fiz o trabalho com nojo.

Normalmente, a doentinha era eu — não minha mãe. Quando eu ainda era uma menininha, ela permitia que o irmão mais velho, mais gordo e mais forte me batesse diariamente: dizia que eu deveria aprender a me defender. Também dizia: “Só você pode educar seu pai”. Por isso a menininha gostava muito de ficar doente. Era quando a mamãe aparecia e a deixava fraquejar. Daí vinham os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antibióticos, antialérgicos, antiespasmódicos, antiácidos, anti-histamínicos, antidepressivos, ansiolíticos...

Naquela semana de hospital, tentei administrar todos aqueles antídotos ao corpo abatido de minha mãe. Ela chorava, gemia e tinha medo. Achava que não podia adoecer. Tinha acreditado que poderia nunca adoecer. Para curá-la, segurei sua mão, controlei os remédios, dei comida, banho e protegi seu sono. No fim de tudo, ambas estávamos curadas.



Vulnerabilidade

— Ah, Anna! Deixa o moço tirar uma casquinha... — foi o que disse minha mãe quando me queixei do assédio do oftalmologista. Minha mãe era uma profissional bem sucedida, uma intelectual brilhante. — Deixa ele tirar uma casquinha. Quem mandou ser tão bonitinha? O que é que custa? Já tá aí mesmo. Tá se achando a última bolacha do pacote? A rainha da cocada preta? Isso tudo um dia acaba e você nem aproveitou. Orgulhosa. Coitado do moço! Você não é melhor do que ninguém!

— Você é que era muito erotizada! — berrou meu pai no restaurante. Ele gostava muito de berrar. Ao contrário do que eu dizia, ele nunca havia me assediado. Se toda vez que me encontrava ele comentava casos de pais que estupraram as filhas, era só para mostrar como ele era um bom pai. Afinal, ele poderia ter me estuprado, mas não estuprou. Afinal, quando eu era bem pequenininha, eu me masturbava na frente deles. Eu era muito erotizada. E depois virei uma mulher muito bonita. E o que é que tinha se sempre que saíamos de carro ele ficava apertando as minhas coxas? Carinho de pai. E minhas coxas eram muito bonitas. Muito erotizadas. E o que é que tinha se ele gostava de sair sempre sozinho comigo para os outros pensarem que eu era sua namorada? Eu era tão bonita! Tão erotizada! E o que tinha de mais se a namorada psicanalista dele sempre dizia que a nossa relação era muito erotizada? Eu é que era muito erotizada!



Desamparo

Anna,

Precisei de tempo para a poeira baixar e eu conseguir clareza do que gostaria de lhe dizer. Fiquei muito impressionada com o tamanho do seu ressentimento e espero que botar para fora ajude a diminuir o sofrimento que ele deve estar lhe causando. Lamento não ter conseguido ser a mãe de que você precisava. Aceitar que eu tenho limitações que me impediram e ainda me impedem de ser a mãe poderosa que eu gostaria de ter sido não é uma coisa fácil para mim. São dez anos de análise trabalhando sobre o mesmo tema: minha obrigação autoimposta de ser onipotente e o preço que isso me cobrou e ainda cobra. Crescer dependendo de uma mãe que parecia tudo poder, mas que, em muitas e frequentes situações, se sentia aguda e sofredamente impotente não deve ter sido fácil. Imagino que eu devia ser uma dupla mensagem ambulante. Ler sua carta serviu para confirmar essa sensação. O que parece emergir dela como cobrança é que eu tinha a obrigação de defender você do seu pai e do seu irmão e não defendi porque não quis, porque não amava você o suficiente.

Eu também acho que deveria ter defendido você melhor, mas não fui capaz. Eu também não conseguia me defender da agressividade do seu pai. E a única forma que eu encontrei para sair da situação de sofrimento foi fugir. Ainda que você não se lembre com detalhes, você

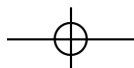
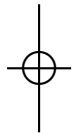
cresceu vendo a minha dificuldade de pôr limite para o seu pai e também para o seu irmão. Só depois da separação é que eu consegui controlar a agressividade física do seu irmão com você.

Mas acho que aí o estrago já estava feito. Sinto muito. Se um dia você puder, me desculpe.

Mamãe

— Mas, mãe, como você conseguiu emagrecer *durante* a gravidez e engordar na amamentação?

— Eu te amamentava com um saco de biscoitos do lado. Eu tinha inveja de você, eu também queria ser amamentada!



Negações

Anna,

Sua visão das coisas é completamente distorcida e irreal: eu nunca te chamei de louca. Você não foi maltratada na minha casa. Te recebi muito bem e tirei vários dias de folga para sair com você quando chegou. Depois, você passou três semanas sozinha na minha casa e eu paguei o aluguel! Você leva as coisas tão a sério que nem vê que quando eu digo aos meus amigos “Não escute o que ela diz, ela é uma comunista” é brincadeira. Eu não sou fascista. O que me irrita não é a sua opinião política, é você achar que pode ter opinião de tudo, inclusive sobre as coisas que eu faço, sem notar o quanto me incomoda essa invasão. Você sempre se fez de vítima. Como se o mundo te devesse algo. O mundo não te deve nada. Eu nunca te chamei de louca, não ponha palavras na minha boca. Não tenho necessidade de competir com você, já expliquei, nem quero que você fique me aplaudindo, como você diz, mas gostaria que você respeitasse a minha competência. Não passei os últimos dezessete anos da minha vida estudando pra nada! Você precisa deixar o passado pra trás. Esquece a nossa infância. Sua vida começa aqui. Pra que ficar lembrando das nossas brigas? Sua tendência a remoer o passado não leva a nada. Eu vou tentar não levar a sério suas acusações pra não construir uma mágoa irreparável.

Feliz aniversário adiantado,

Seu irmão.



Anna,

Você continua sendo minha filha. Mesmo que eu seja o monstro que você descreveu, continuo sendo seu pai.

Ontem, quando cheguei em casa tentei dormir preocupado com o jeito que você saiu dirigindo daqui. Preocupado com a sensação de que eu havia estragado mais ainda as coisas. Finalmente dormi. E tive um sonho muito significativo com você.

Sonhei que você estava me mostrando umas reformas que estava fazendo no meu sítio. Havia um grande buraco quadrado de concreto que era uma fossa, muita gente trabalhando e merda para todo lado. Essas pessoas pareciam escravos, trabalhando muito e completamente mudos. Todos nós éramos da cor marrom esverdeado, cor de merda, e você colorida, normal. Como num filme do impressionismo alemão. Todo mundo, inclusive eu, estava sujo de merda. Menos você. Você andava feliz pela obra sem sujar nem mesmo os sapatos. Mas, curiosamente, nada cheirava mal. Eu tentava te acompanhar mas tinha medo de escorregar na escada de concreto, também cheia de merda. Num momento tivemos que atravessar sobre esse buraco. A ponte era uma porção de tabuinhas frágeis, muito sujas, estendidas de um lado ao outro. Embaixo delas um buraco imenso, profundo, cheio de merda. Você passou feliz (em pé) rapidamente sobre as tábuas e eu tentava passar (de quatro) morrendo de medo de escorregar ou de que elas quebrassem com meu peso. Pavor de cair lá embaixo. Acordei muito assustado.

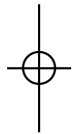
Anna, vou repetir: amo meus filhos.

Com ou sem defeitos. Amo você e quero te ver muito feliz. Só não sei o que fazer neste momento. Espero que

um dia você mude a imagem de monstro que tem de mim. Espero que um dia volte a espontaneidade que havia entre nós, que a gente possa ter novamente a cumplicidade e o afeto que deve haver entre pai e filha. Vou continuar esperando por isso. Nem que tenha que esperar a minha vida toda. Nós merecemos. Seja feliz na sua vida, seja feliz nos seus afetos.

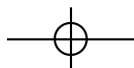
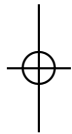
É o que eu desejo para você.

Seu pai.



À deriva

Eu só concilio o sono
Nos braços de algum amigo
Novo ou antigo
Novo ou antigo
E o sobressalto me acorda
É esse viver na borda
Que sempre me desconcentra
De peito apertado peço
Aos amigos que me apertem
E entre os braços dos outros
Sufoco bem e ruim
E vem um sono sem sonhos
Em travesseiros sem fronha
E uma noite sem fim
Nos braços de algum
Amigo novo
Ou antigo
Novo ou antigo
Novo ou antigo



Prerrogativas

Anna,

A ideia de abrir a relação sempre esteve presente para mim também, achei em diversos momentos que isso ia acontecer com alguma naturalidade em uma troca de casais ou coisa do gênero. Não estou puto pelo fato de você ter proposto isso. Você criou um castelo de que eu não suportaria, que isso seria o fim da relação etc. Acho isso absurdo, tanto é que na primeira vez que você sugeriu eu prontamente aceitei — com as ressalvas de que isso poderia ser o fim da nossa relação, que tudo deveria ser feito com cuidado, respeitando os tempos etc.

A forma como sua história com o Vicente, ou com qualquer um, se acelera no contato com a minha história com a Laura não tem nada de natural — existe sim uma competitividade que se instaurou no meio do processo. Por que você não pode esperar que eu me envolva com alguém primeiro? Por que você não espera o tempo da minha relação com a Laura?

Amor, Paulo.



Anna,

Só consigo sentir vergonha, e o pior é que é uma vergonha anestesiada. Ontem quando você chorou vi que você sofria como nunca, mas não consegui compartilhar da sua dor como deveria. Estou assustado. Não quero que você saia de casa, isso me deixa inseguro: não consigo assimilar o fato de que abrir a relação é algo que possa ser mais importante do que a nossa relação para você. Não quero que você saia, mas ao mesmo tempo não consigo deixar de sentir uma insegurança brutal, fruto dessa mudança. Sei que não estou sendo justo, mas não vejo como tirar forças para ser. Quando te disse que queria destruir tudo, estava pensando em uma forma de reverter isso: achei que pelo sexo talvez desse, por isso forcei a barra pra transar com você, mesmo você dizendo que assim eu ia destruir tudo o que tínhamos. Por isso insisti pra transar sem camisinha e desdenhei quando você disse que o útero era seu, que quem teria de fazer um aborto era você. Não sei o que fazer, sei que te amo, sei que não quero te perder, mas não consigo reagir, não consigo sair da oscilação insegurança-ódio.

Com amor, Paulo.



Anna,

Você poderia ter me dito lá embaixo que ia para a casa da sua mãe — eu já estava esperando. Isso significa o quê? É só um tempo? É uma ruptura? Você vai abrir a relação? Acho ingratidão você sair assim sem conversar.

Se você está pensando em ficar com alguém nesse tempo eu gostaria que você passasse aqui, arrumasse suas coisas e sumisse da minha vida antes. Você não luta, apenas desiste! Fala do medo de me olhar, do clima abafado e só. Não sei quais são as crises reais.

Espero uma carta sua, Paulo.

...

Fiquei sem conseguir dormir com a sua ausência. Foi inevitável em algum momento pensar que me enganar seria fácil. Sofro muito nesses momentos e desconfio de você, o que me faz sofrer mais. Fiquei perdido, me descontrolei, forcei a barra pra transar com você, mas em momento nenhum virei seu pai. Minha agressividade estava lá sim, era justa, estava reivindicando algo que você me tirou. Sua buceta é minha sim! Foi minha esse tempo todo, e você querer mudar isso agora é um desrespeito a toda nossa história, a tudo que a gente construiu.

Amor, Paulo.



Anna,

Fiquei muito decepcionado em te encontrar. Confirmou a minha expectativa de que você está povoando um outro universo, com outros hábitos, outros valores. Um universo que para sua sorte, ou para seu azar, joga todo a seu favor. Um universo onde sua voz destoa, onde seus gestos são falsos, onde tudo vira afetação. Um universo onde o analista pode ser amigo e apoiar seus desvarios, onde as pessoas que você escolhe para se relacionar, por serem jovens, te veneram. Fui para a defesa da tese do

Pedro com alguma esperança de não confirmar minhas intuições, esperando encontrar a Anna que conheci.

Quando digo que venho de outro lugar estou querendo dizer que nasci em um lugar igual ao seu e que perdi na adolescência esse lugar — você conhece a ruína, em todos os sentidos, que é casa dos meus pais. Nunca ganhei um carro, por exemplo, você ganhou dois. Nunca tive mesada, curso de inglês, cursos de dança etc. pagos pela família. Tive algumas regalias (como toda a ex-classe média) até meados dos anos 80, depois foi ruína. A sua mãe sempre teve as contas em dia, morou em um belo apartamento e teve tranquilidade para se formar e fazer o que gosta. Você vai ser herdeira, sua mãe tem condições de te ajudar.

E agora essa palhaçada máxima do seu direito ao orgasmo: anos de construção juntos, de empenho amoroso, para você pegar e jogar tudo fora em nome de um orgasmo que nunca tinha tido? Sinto dizer, a coisa pode estar gostosinha, confortável, mas está girando em falso em um mundo pequeno-burguês. Quem te dava dado de realidade, quem fazia você atritar com o mundo, quem colocava o tempo todo o que você pensava em xeque era eu — pergunte para os nossos amigos. Quem surtou fora de qualquer medida foi você, e infelizmente você ainda está longe de perceber isso. Procure os amigos (os nossos, os de verdade), converse com eles — e troque de analista.

Amor, Paulo.



Anna,

O fato de eu nunca ter te elogiado nesse nove anos não tinha um sentido de te diminuir, de te deixar se sentindo feia, pois esse é seu ponto fraco etc. Era só uma limitação minha que eu sempre tentava compensar com afeto, com carinho, com dedicação, com admiração etc. Acho que você é excessivamente vaidosa, precisa de elogios o tempo todo.

Sua “mutilação” — acho um exagero — não é fruto daquela noite e dos desencontros que tivemos ali (como você sentiu estar se oferecendo para um estupro, quando eu só tentava reconstruir nossa relação pela via sexual?!). É natural que você agora não consiga transar: eu e você vamos demorar um tempo para retomar nossa sexualidade, para tomarmos posse dela. Aceite um pouco essa condição “mutilada”. A mutilação vem da ausência do outro, e não daqueles momentos de agressão que vivenciamos da maneira que pudemos.

Queria pedir desculpas pelas acusações feitas em momentos de surtos ciumentos, não estava conseguindo segurar minha onda. Nunca quis te destruir, mesmo quando eu disse que queria.



Anna,

Nunca te proibi de entrar aqui, posso ter falado isso em um momento de raiva, mas você sabe muito bem que eu nunca sustentaria isso, não seja paranoica. Com as cartas tentei manter contato, era uma tentativa, desajeitada muitas vezes, irritada outras, de entender as coisas

para tentar recompor nossa história. Você chegou à conclusão que aquilo não levaria a nada (que era “espancamento moral” etc.) e rompeu o contato comigo por mais de cinco meses por causa do mestrado! Agora você quer o que, que eu diga vem cá meu amor, pode pegar seu diploma para fazer sua defesa, deixo a chave na portaria? Isso não, pode esquecer! Você vai ter que me ouvir sim!

Acho que a nossa história merecia, pelo menos, que você tivesse perdido os prazos, perdido o mestrado. E você sabe muito bem que eu *nunca* teria ficado com a Laura se você não tivesse me empurrado tanto para isso.

Paulo

P.S. Estou terminando de arrumar os livros e o resto das roupas, mas os discos não faz sentido você levar — você não tem onde ouvir ainda.

Acho que mesmo que eu tenha tido inveja e tentado te deixar mal nas vezes que você me ligou, sua reação não se justifica. Eu não sou outra pessoa, estou apenas com raiva pela forma como as coisas aconteceram.



Anna,

Como já disse outra vez, toda construção que você fez está apoiada em um processo alucinatório que é fácil de ser quebrado para qualquer um que esteja fora. O fato de eu ter tido crises de ciúmes e ser violento não me converte no seu pai — nem que eu quisesse me transformaria nele. Você acha, na sua construção, que eu já estava “louco” antes e um dos argumentos que você dá é o fato

de eu ter insistido para a gente transar sem camisinha. A sua hipótese de eu estar querendo ali uma prova de amor é bem plausível e, como não tenho outra melhor, aceito essa — às vezes estamos frágeis e precisamos delas. Mas daí a virar o seu pai tem chão. Sei que na sua cabeça eu peguei no seu ponto fraco para te destruir, mas mesmo aceitando isso, que tem muito de disparate, o que aconteceu não se justifica e você em alguma medida sabe disso quando precisa projetar seu pai em mim. Você disse ao telefone algo mais ou menos assim: é triste saber que o nosso amor estava ancorado na exclusividade sexual. Mas estava, era um apoio forte da relação e sabíamos, ou intuíamos isso quando conversamos sobre abrir o casamento — sabíamos que isso podia levar ao fim, como levou. O que é verdadeiramente triste para mim é reduzir o amor ao desejo sexual. Não recuar do seu propósito de “liberdade” foi fazer essa redução. Ainda mais sem permitir as minhas crises de ciúmes, taxando todas de machismo, de violência contra a mulher etc. Acho, e continuo achando, que se você recuasse, se tivesse conseguido redimensionar nossa história, as coisas teriam sido diferentes. Mas não foram. Você disse que não tem volta, essas são minhas demandas, elas são a verdade do mundo, uma escolha política. Se for assim estamos fritos: o amor está reduzido a contatos eróticos. As coisas deveriam valer dentro da nossa história, contraditória, problemática — e não nessa abstração boba do tipo “relação aberta é algo mais verdadeiro ou menos verdadeiro que a monogâmica”. Você parece uma revista feminina para a classe média!

Você disse várias vezes que tinha a esperança que eu admitisse ou enxergasse a violência que fiz a você: na verdade você está querendo que um dia eu admita que eu

estava agindo como seu pai naquela situação — só que isso foi um processo projetivo criado por você a partir de situações verdadeiras de ciúmes que muitas vezes são violentas mesmo.

Acho que você se atrapalhou e botou tudo a perder, ou não me amava mais — sei lá, tanto faz agora. Você fez a sua escolha: sair de casa. Não te expulsei, como você insistiu várias vezes, nem vou te deixar sem qualquer coisa que você julgue sua, como você também está insistindo em acreditar apesar de todas as provas na direção oposta. A situação ficou insuportável para você muito por conta da sua projeção que a remeteu à sua história — verdadeira ou construída, tanto faz, de opressão.

Paulo



Anna,

Sei que você ainda vai argumentar que minha verdade está muito lisa e que a verdade toda — muito mais lisa, diga-se de passagem — é que eu te troquei pela Laura. Aceitei muitas das suas verdades sem reduzir umas às outras, só não abrindo mão do fato irreduzível de você ter projetado seu pai em mim. Eu ter te trocado por outra, como você bem notou, é verdadeiro, se coloca como um fato presente, mas essa decisão aconteceu depois de você dizer que o nosso “exclusivismo”, que alicerçava sim a relação, não tinha mais volta — ou, para me repetir, depois de você ter quebrado o nosso pacto amoroso, depois de você mudar as regras no meio do caminho em um momento de extrema fragilidade minha. Acho sim que isso

tem muito de egoísmo. Eu queria, como disse várias vezes, ter outras histórias de amor, não apenas satisfazer o desejo do solitário — isso faço muito bem com masturbação. E é essa tentativa de amor que estava tendo com a Laura e que acredito teria ficado naquele patamar sem sexo, o que tanto faz, de qualquer forma. Em alguns momentos vislumbrei essa possibilidade radical de ter dois amores, até me dar conta em análise que um amor já requer muito da gente para ser verdadeiro e como você estava irreduzível em relação às suas demandas mergulhei nessa história. Nada aqui foi maquinado ou maquiavélico, ou tem fundos sinistros como você quer acreditar. Também não usei ela de ponte para sair da nossa história, se fosse isso talvez não estivéssemos mais juntos — mas de qualquer forma tanto faz, isso agora é problema meu. Só me dei conta em determinado momento — em análise — que não tinha como suportar suas demandas no presente, nem como uma bomba relógio que estouraria para frente de maneira inevitável como você cansou de dizer. Isso seria, para usar uma boa expressão sua, vida ruim para mim e para você. Acho que o desejo é sim verdadeiro, mas para mim não chega a arranhar o amor quando ele é verdadeiro — como disse, para me repetir novamente, para mim masturbação resolve. Se você aceitasse esse fato sem achar que eu sou um filho da puta as coisas ficariam mais fáceis. Mas o central mesmo para continuarmos, caso você queira, tendo uma relação com algum patamar de verdade, é você trabalhar para entender a projeção do seu pai em mim para poder se relacionar com um Paulo, que não é mais seu marido, mas que de jeito nenhum é seu pai, verdadeiro ou fictício.

Por que será que é tão difícil para você entender que eu fiquei com ciúmes, inseguro etc., e isso tem consequên-

cias na direção da “posse” do corpo do outro, no desejo, na agressividade etc. Você o tempo todo afirmou que era de matéria diferente do mundo, que lidava bem com o fato de eu transar com outra mulher, ou amar outra mulher etc.

Não gostei nem um pouco da acusação de irracionalidade: eu tento — muitas vezes de forma desajeitada — apontar para processos concretos dizendo “aqui você distorceu”, “aqui você exagerou”, “aqui você tinha razão” etc. E você, leia suas cartas e veja se elas são dignas de acabar uma relação como a nossa, ou vaga, ou muito abstrata, ou em silêncio. As minhas são patéticas, mas estão na luta, tentando entender as coisas. Agora o troço está mais claro para mim — não resolvido — e você não baixou ainda para as coisas concretas — e o pior é que talvez nem baixe — protegida por, primeiro, a minha violência que não te deixava respirar (não foi sua projeção do seu pai nas minhas crises de ciúmes...), depois o fato, paranoico, que eu troquei você pela Laura, já que — olha sua prova, ou sua “racionalidade” — eu estou com ela. Francamente, qualquer pessoa que você diga isso comprará sua versão — é a explicação clichê de por que as relações acabam — mas se você minimamente contar o que rolou mesmo, organizando no tempo, racionalmente, fica difícil de apontar isso como causa do fim. Sinceramente não entendo o que você entende por racionalidade e irracionalidade, para mim isso significa descer às coisas com risco de voltar sem as certezas de antes, como fiz várias vezes ao longo das cartas.

Olha, sua pressa de terminar rápido a conversa está querendo dizer algo — também tenho pressa, mas ela não pode atropelar os tempos do processo. Sinceramente, sete meses não são porra nenhuma para uma relação de

nove anos como a nossa foi. Tenho um pouco de receio
dessa sua pressa, acho-a pouco reflexiva. Não se vira a
página e segue em frente, sem elaborar as coisas.

Paulo



Capital flexível

Anna,

Você ficar “bem”, ou se recompor e afirmar um narcisismo teoricamente nunca vivido, custa o meu ficar mal — a verdade dessa dinâmica mostrou sua cara toda bem recentemente: o seu ficar bem pressupõe o meu ficar mal, o ficar bem narcísico não suporta o outro. O outro só existe na superação do narcisismo. O narcisismo é o grande câncer atual, como você bem sabe, é a doença do nosso mundo sem outro pós-industrial. A sua resposta a isso é: e o seu narcisismo? E a tetinha da mamãe e tal? Acho que a resposta para isso é: a minha sensação de perda, com a qual não estou sabendo como lidar, é de perda do outro e de um outro constituído na base de amor, com superação, com dedicação etc., mas dentro de uma chave monogâmica. A base desse amor se transformou com esse dado recente do narcisismo: narcisismo e amor são incompatíveis: a diferença é o “outro”, no caso o bocó aqui. Nosso amor não existe mais, pelo menos do seu ponto de vista, se o quadro é esse mesmo. Enquanto você não superar esse narcisismo que é uma forma estranha de “superação” da sua história acho que não temos o que fazer juntos. Vamos apenas conseguir ficar mais machucados e um só irá potencializar o sofrimento do outro, pois eu sou um “outro” no seu narcisismo e você é um não-outro no nosso amor — que obviamente não tem como existir nessas bases. Essa mudança de base no nosso amor, ou,

para usar os termos com a radicalidade que você estava pedindo, esse amor que não tem mais base alguma, é o que me leva a todos os fantasmas que estão vindo à tona agora. Vou enfrentá-los com todas as forças e meios que tiver — vou fazer análise, vou pensar e escrever sobre isso o tempo todo etc. Mas, como você já percebeu, vai ser uma luta quixotesca — ou mais uma — pois a situação toda está montada pela sua condição, atitudes etc.

Minha agressividade, que estava lá, sim, era justa na medida em que estava reivindicando algo que foi tirado de lá, tinha uma direção que o tempo todo foi afirmada: não deixar as “nossas” conquistas recuarem. Achei que se não fizéssemos um esforço afetivo e sexual a coisa poderia piorar. Depois mais uma vez fui quixotesco: a minha vontade de destruição naquele momento estava direcionada contra moinhos de vento — como destruir algo que não estava mais ali? Acho que era isso que queria testar ali, queria que a realidade espatifasse a minha cara e mostrasse que o que estava sentindo e vendo não era real. Agora ficou claro para mim: toda a incerteza em que me encontro, e todo ciúme, insegurança etc. são no fundo certeza de que o nosso amor não está mais lá, que meu chão não está mais lá. Anos de construção coletiva, de empenho amoroso, de apagar os contornos da sua masturbação para incorporar em uma relação com um outro, para você pegar e apagar nossa história e transformar suas demandas em um absoluto, em algo que é maior e mais determinante que o outro sujeito dessa construção — que o outro da sua história. Não sei o que você fez com as suas leituras — a coisa principal que fica em qualquer leitura de teoria crítica, ou coisa que o valha, é o fato das coisas terem história, e sempre precisarem ser consideradas assim para que não girem em falso.

Você sabe que gosto do seu analista, acho que ele é uma pessoa doce que foi fundamental no momento mais difícil da sua vida — deu toda a base de amor necessária para o processo terapêutico começar, o que é louvável. Mas, por outro lado, a recomposição amorosa da sua história — que é um dos objetivos da terapia — te levou a fundar um narcisismo. Aqui dou um passo atrás: é papel do terapeuta também castrar — e papel central e decisivo para a história do paciente. Não conheço o miúdo do processo, nem quero, não sei se foi a qualidade da sua depressão — seus contornos melancólicos — que a levaram para aí. Não sei, na minha ignorância psicanalítica, se em um caso desses a pessoa precisa se recompor em um narcisismo antes de voltar ao outro — realmente não sei. O que sei é que meu lugar no mundo acabou e você está em uma roubada: o narcisismo é uma doença que encontra com tranquilidade objetos no mundo para mascarar a falta do outro. Aliás, o mundo no atual estágio do capitalismo é um playcenter para narcisos. O que quero dizer é que minha vida é essa, encaro as coisas do jeito que posso, mas encaro. Não fui tão deformado pelo mundo a ponto de acreditar que o que desejo, o que acredito como verdadeiro, seja imediatamente aplicável só porque penso assim. Você não está realmente se curando, desde quando ter orgasmo é se curar?! De novo o engodo da hipertrofia psicanalítica. Você irá se curar quando adquirir uma bossa reflexiva para que os problemas, quaisquer que sejam, parem de te aniquilar. Desculpe-me se fui impreciso do ponto de vista da psicanálise. Do ponto de vista hegeliano, a tomada de consciência é sempre um deslocamento de um lugar que se entendia como verdadeiro — o que necessariamente acarreta uma dor quando a consciência topa enfrentar: uma forma de castração da consciência

imediate em função da mediada. É isso que estava pensando como o papel do psicanalista, estou errado?

Esse mundo de terapia, mestrado, fora do mercado de trabalho, faz com que tudo que carregue uma verdade maior seja colocado de canto — por ser agressivo, rude, áspero (não verdade abstrata, verdade desse tipo que está em uma rede de construção intersubjetiva, complexa, com outros fazendo parte dela etc.) — aspectos geralmente constitutivos dessas verdades mesmas. Tirando esse incômodo — eu — você está leve e solta para o filistinismo — boa sorte! Com certeza é a escolha mais confortável. Só me deixe fora disso. Não vou participar desse semimundo acadêmico, nunca foi minha praia. Se você ainda for capaz de aguentar essa agressão — não vivo no mundo dos teletubies, no meu mundo quando se acredita em algo se age com agressividade para transformar pessoas e coisas — fique sabendo que estou disposto a ser o mais honesto possível com você — como disse, não virei outra pessoa, mesmo você querendo que isso acontecesse. Eu não participo e não vou participar do mundinho acadêmico, se você quiser vá em frente. Só estou lá a passeio e para estudo — esse não é meu mundo, eu só vivo nele.

Estou bem, a terapia tem me feito muito bem — tomo várias invertidas por consulta, como acho que tem de ser, por isso comprei a coisa mesmo desempregado —, você não precisa vender seu carro para isso, mas de qualquer forma muito obrigado pela oferta. Mesmo que você me banque, coisa que você sabe que não vou aceitar (orgulho de classe), não vou ter alguém que leia o que escrevi quando chegar em casa, que ajude a destravar os pepinos, que pense a coisa junto, que dê um conforto material e afetivo cotidiano — será simples valor de troca que não aceitarei. Estava pensando em coletivizar tudo que tenho

com você, esse era meu plano até te encontrar — ou não te encontrar.

Fiquei esse tempo todo com você sendo idealizado, você nunca me olhou como um ser limitado, com problemas — pelo menos nesse aspecto afetivo-sexual — no momento em que essas limitações mostram o rosto você pega e me acusa falando que sou um macho sórdido, Bentinho (nunca mais me chame disso, pois não conseguirei mais olhar na sua cara — isso vai significar o seu desaparecimento da minha vida) etc. É estranho uma realidade que se move de forma tão contrastada, você não acha? De príncipe encantado a Bentinho? A verdade está em que lugar? Talvez ela esteja nessa oscilação radical que molda a sua forma de olhar para a realidade, desse deixar vivo de forma imediata — não reflexiva (aquilo que nos faz sujeitos) — todo seu passado em uma chave melancólica. Seu passado invade seu presente o tempo todo — como nos romances que a gente estuda — e não se coloca como experiência, se coloca como realidade imediata. Você nunca teve como achar uma instância reflexiva, se é que é possível, nessa melancolia que te constitui. O tempo fora da realidade brutal que é o mercado de trabalho acentuou os contrastes e, conseqüentemente, seu narcisismo — você foi quase para um universo paralelo, onde tudo funciona como ideal purificado de qualquer mescla, de qualquer dúvida, de qualquer limitação. Não fui mesquinho nem controlador, só aponteí essa contradição (que funciona nesse mesmo mecanismo melancólico que estou amorosamente tentando explicitar, com bastante esforço e dor, para trazer a Anna de volta ao mundo físico).

Foi muito difícil para mim, e me deu muita raiva, o fato de você ter ficado com medo de mim, não conseguir olhar para mim, sentir asco do meu cheiro etc. Isso aca-

bou comigo naquele contexto. Desculpe-me por me entender tanto, eu sei que você está ocupada terminando o mestrado, mas acho que pode ser uma forma da gente não quebrar todos os laços.

Você insiste em não ver o mundo ideal em que está vivendo. Outra coisa, para que a agressão? Acho que nos tornamos mesmo outras pessoas, mas não quero sair daqui: me sinto mais com a minha cara, com o meu cheiro, com a minha verdade — realizando meu conceito que continua nos mesmos pressupostos que você conhece — e você? E o seu desejo narcísico sem, como é claro, outro? E você me conduzir rumo a minha destruição e ficar só repetindo “não tem volta”? Não tem nada perverso aqui? A realização do meu conceito continua nessa direção, tentando ser mais doce, mais honesto em relação aos meus sentimentos, sabendo demonstrá-los com mais naturalidade etc. Isso aconteceu em boa medida com você até a minha desestruturação promovida pelo seu narcisismo. Enfim, continuo na disposição de ser seu amigo e solidário até o fim, mas não quero mais outras formas de amar, quero algo bem mais modesto: me reestruturar e tocar minha vida e minhas escolhas.

Paulo



Anna,

Achei o *Eros e civilização* aqui em uma pilha que fiz e esqueci de colocar nas malas que mandei. Separei os outros livros que achei (o Caio Prado e o Sérgio Buarque). Você pode devolver os meus já?

Fiquei chateado pelo fato de nos agradecimentos eu ter ficado reduzido a um apoio, quase como se agradece a uma bolsa. Eu teria preferido, e acharia mais honesto, você ter agradecido o apoio na estruturação da coisa — ou no acompanhamento quase ombro a ombro, como você sabe que foi. Não há nenhum tipo de indicativo de que eu te ajudei a pensar o troço!

Gostaria que você, agora que está com emprego e o mestrado resolvido, ficasse com os gatos. Vai me doer o coração me separar deles, mas me dói mais deixá-los aqui por causa do espaço e pelo fato de lembrar de um projeto de vida e amor interrompido — acho que com esse “custo” você tem que arcar. Além deles me lembrarem o tempo todo que não fui capaz de adaptar meu corpo às novas demandas (nem tão novas assim, pois elas têm a nossa idade mais ou menos) do capital flexível. Eu, como Trotsky e os marxistas, infelizmente vivo na tradição. Acho que sou mesmo cuecão e a terapia está me fazendo ver isso com tranquilidade — sem abstratamente achar que uma forma é superior a outra. Você tem demandas de um tipo — ser desejada o tempo todo etc. — e eu quero um amor monogâmico. Ficou claro para mim que a monogamia é mesmo uma forma muito limitada de amor para quem precisa ser desejada de quinze em quinze minutos.

Toda relação se estabelece com algum grau de dependência: Freud dinamitou a pretensa “autonomia” do sujeito forjada no século XIX. A nossa dependência amorosa aconteceu com um grau altíssimo de autonomia dos dois — quase um ideal (ou eu estou realmente louco). Mas você exagerou tudo — como é característico do psicótico depressivo, segundo o Winnicott — e fez o que fez. Mas no fundo o jogo já tinha acabado, acho que não conseguiria mesmo dar a volta na história e também não conse-

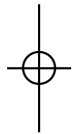
guiria viver com o tipo de represamento — ou acolchoamento — das paixões que você exigia: foi minha primeira crise de ciúme em nove anos! Acho, especulando, que isso tem a ver com o fato de você ter sofrido assédio sexual na infância. O Winnicott diz que é quase impossível começar um processo terapêutico com um paciente assim, pois ele impede o acesso onde melhor funcionariam as coisas. Ponto para o seu analista que foi brilhante aqui mas depois, acho, se acomodou com essa vitória que não foi pouca — não cumpriu o papel de situar, justamente o de pai (verdadeiro). Digo isso pelo fato dele não ter chamado sua atenção para a projeção brutal e caricata do seu pai em mim — um dos fatores do nosso fim, talvez o principal. É bom lembrar que analista é humano e faz merda). É bom lembrar também que a psicanálise começou quando Freud passou a duvidar dos depoimentos das suas histéricas, e que qualquer processo analítico começa nesse contrapé, no momento em que a realidade se põe nesse patamar contraditório.

Você teve razão em muita coisa que disse no último telefonema. Em relação à minha atração pelos estados psicóticos, isso é verdade. O Winnicott, de novo, dizia que viver só na neurose é muito chato, é preciso flertar com esses estados psicóticos para ter saúde. Coisa que você faz o tempo todo: tem sempre no mínimo dois amigos deprimidos. Não estou falando isso para te recriminar, não quero que você se ofenda com nada que estou escrevendo aqui. Quero que você tente pensar nisso, pois disso depende sustentar alguns destroços da ruína.

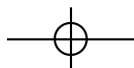
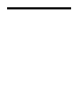
Não precisava escrever nada disso, fiz com carinho e por acreditar que devia me posicionar para tentar te situar (sem opressão) dentro do que eu acredito como verdadeiro. Não me interessa “ganhar nada”, já perdemos os

dois, como já disse. Agora o que sobra é tentar criar alguma consciência da ruína e aprender, em mais um plano, a viver de cabeça erguida na derrota tentando preservar o que é essencial.

Com carinho, Paulo.

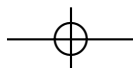
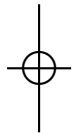


O eu no mundo



O velho sonho da vanguarda, de que o libertando da opressão sexual, libertar-se-ia o ser humano de suas inibições e limitações, murchou. Pensamos estar mais tristes e mais conscientes sobre o que leva à liberdade sexual, mas, na verdade, nunca experimentamos a liberdade sexual. Nós apenas alardeamos seu simulacro.

Erica Jong



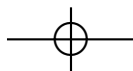
A mulher perfeita

- Eu nunca conheci uma mulher como você. Você é incrível! Você é perfeita!
- Acredite, eu tenho pelos demais pra ser perfeita.



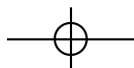
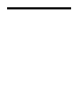
Caralho

Ele era um ótimo amante, mas não falava na cama. Você não pensa sacanagens quando trepa comigo? O tempo todo! Então ele passou a dizer: Caralho! Caralho! Caralho!



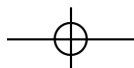
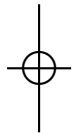
O comunista

O comunista falou que relação aberta é uma ideia muito bonita, mas todo mundo sabe que não dá certo.



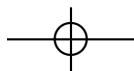
A jornalista

A jornalista feminista disse que homem é tudo palhaço.



O casal gay

O casal gay disse que sonhava em casar na igreja.



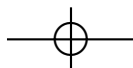
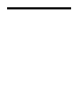
O escritor libertário

O escritor libertário disse que queria uma mulher que o pisoteasse.



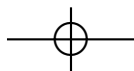
A libertina

A libertina disse que libertinagem agora só com o marido dela.



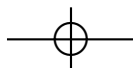
Minha orientadora

Minha orientadora falou que sou uma feminista xiita. Durante a minha defesa.



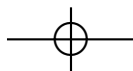
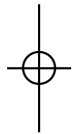
Minha mãe

Minha mãe aturou por nove anos a tirania de um marido em função dos filhos. Depois ficou sozinha por duas décadas. Ao cinquenta, se uniu a uma mulher que a tiraniza. Agora ela tem 65.



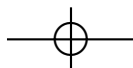
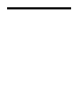
A artista plástica

A artista plástica lésbica disse que gosta de ser o macho da relação.



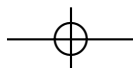
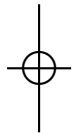
A historiadora

A historiadora disse que ser mãe é o sonho de toda mulher.



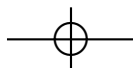
O marido

O marido disse que anda muito ocupado ultimamente, que é uma fase, que quem se casa tem mesmo de estar preparado para períodos de baixa sexual. Faz quase um ano.



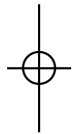
O colega

Durante quatro anos seu olhar me seguiu pelos corredores da universidade. Depois ele disse que andava muito ocupado ultimamente.



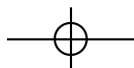
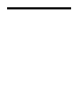
O intelectual

O intelectual disse que eu era linda, gostosa e inteligente. Que minha personalidade forte era muito excitante. Que minhas convicções eram muito democráticas. Que meu senso de humor era extremamente sexy. E que ele era um homem muito ocupado.



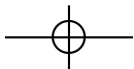
O cineasta

O cineasta cafajeste falou que deveríamos unir nossos ódios na cama. Ele, pelos quatrocentos anos de escravidão; eu, pelos 5 mil de patriarcalismo. Depois disse que precisava estudar.



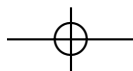
O escritor politizado

O escritor politizado quis saber onde eu morava, e tentou adivinhar de longe qual era o meu apartamento. Ele era casado, mas dizia que eu era louca como ele. Foram sete anos de tesão mal reprimido até ele dizer que eu era um doce e que deveríamos tomar um café. contei para ele do meu casamento aberto e ele se ocupou com um projeto inadiável.



O escritor introspectivo

O escritor introspectivo disse que queria um lar.



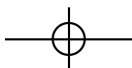
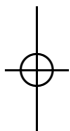
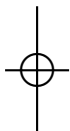
Ele

Ele me tirou pra dançar e disse que eu dançava muito bem. E que eu tinha um corpo incrível. Que era muito bom conversar comigo. Que eu era muito diferente das outras mulheres. E que tinha de acordar cedo no dia seguinte.



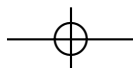
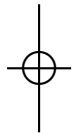
O militante

O militante disse que tinha uma relação aberta, que nosso sexo era fantástico, mas que não sabia lidar com o fato de estar se apaixonando por mim.



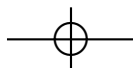
O garçom

O garçom disse que também escrevia. E disse que ia me mostrar. Que queria ler meu livro. Que quase não tinha folga e morava muito longe.



O ator

O ator falou que queria aprender a ser como eu, mas que andava muito ocupado ultimamente.



Novo sonho recorrente

Procuro ansiosamente um homem que me tome nos braços e me foda. Que me foda como um homem. E só o que encontro são garotinhos assustados.



Antes

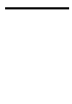
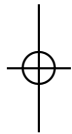
Hoje vou foder. Vou foder gloriosamente. Foder como uma mulher livre. Nada mais de esposa-amante. Esposa-amante, esposa-amena, esposa-espessa, esposa-anêmica, esposa-amável, esposa-mãe.

Mas agora eu vou foder esse novo homem porque continuo livre. Vou foder esse novo homem como ele nunca foi fodido. Livre e gloriosamente.

O casal ao meu lado está brigando porque ela acha que eles têm de comer a mesma coisa. Minha comida está divina. E vou foder gloriosamente.

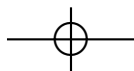
“Quero te sequestrar daqui”, eu digo no bilhete. “Hoje vou sair mais cedo”, ele. “Então te espero no quarto 204”. A moça que brigava porque achava que eles tinham de comer a mesma coisa agora reclama do meu cigarro. Poxa, ela acha que eles têm de comer a mesma comida! E ele faz tanta força pra sorrir e ser agradável e comentar o filme... Ele acredita que é assim mesmo, que é o melhor que ele pode ter. E é. Eles se beijam com gosto de baunilha.

Minhas pernas insistem em se abrir sob o balcão. O novo homem se excita ao me observar escrevendo. E com minhas coxas quase sempre abertas. Vou dar a ele o que todos merecemos. Eu vou beber como uma vadia, vou fumar como uma vadia e vou foder gloriosamente.



Durante

“Você é linda... linda... linda... esses olhos... essas coxas... e que orgasmo é este... estou gozando sem ejaculaaaar... isso, não para... linda... nunca gozei deste jeito... você é um súcubo... sua cara... tão linda... vem aqui, minha cadelinha... deixa eu chupar essa buceta linda... rosada... você geme como uma cachorrinha... toda rosada... deixa eu ver essa bunda deliciosa... assim... deixa eu foder essa buceta rosadinha... apertadinha... isso... assim... geme, minha cadelinha... minha putinha... tão branquinha... ninguém nunca me fez sentir assim...”



Depois

“Vou casar com você e te fazer esquecer essa bobagem de relação aberta.”



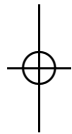


COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro

55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Coelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyô
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft

112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena* (v. II, t. I), Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *Diários de Adão e Eva e outros escritos satíricos*, Mark Twain
151. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
152. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
153. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
154. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
155. *O destino do erudito*, Fichte



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Yangraf, em 25 de novembro de 2014 em papel Pólen Bold 90 g/m² em tipografia Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua^ATeX, git & ruby.

